



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

[Recensão crítica a 'Ilse Losa : Vida e Obra sob Céus Estranhos', de Ramiro Teixeira]

Isabel Pires de Lima

Para citar este documento / To cite this document:

Isabel Pires de Lima, "[Recensão crítica a 'Ilse Losa : Vida e Obra sob Céus Estranhos', de Ramiro Teixeira]", *Colóquio/Letras*, n.º 188, Jan. 2015, p. 272-275.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

mo, elementos constituintes desse «além da literatura», que agonicamente busca o autor de *O Reino Dividido*. Falando de Joaquim Nabuco — porque os brasileiros também são visitados neste livro —, Bigotte Chorão reitera a sua profunda procura: «A correspondência [de Machado de Assis] com Nabuco é um perfeito exemplo de quem não faz literatura, um vivo documento afectivo, regozijando-se com os talentos e os triunfos do amigo, interessando-se e interessando-o pelos problemas da Academia, comentando com simpatia os seus livros. E a perda da sua boa Carolina põe a nu o desconolo do viúvo condenado à solidão.» Repare-se bem nisto: o maior escritor do Brasil, Machado de Assis, ao escrever ao amigo Nabuco, «é um perfeito exemplo de quem não faz literatura». Machado é um grande escritor feito, não um noviço, é já um perfeito *adepto* que, como observava Shaw, não procurava vestir-se à noviço, com o estilo «literário», mas, antes, ver-se livre dele. Dizia Roland Barthes que escrever é a ciência de várias felicidades da linguagem. Poder-se-ia responder que é *também* isso, mas não só isso. É também a ciência de muitas outras felicidades e agonias. De explorações e descobertas e respostas possíveis a assombros que nos visitam... Tudo isso se faz, é certo, com o uso da linguagem. Mas esta não é intransitiva, não é auto-satisfeita, não é nem pode ser atribiliária e vazia de destino e propósito. A linguagem não flutua no vazio, até porque, no vazio, nenhum objecto de peso consegue flutuar. A linguagem tem um magnífico apetite de sentido, de significado, de um além-linguagem. É isto que nos vem recordar este belo livro de João Bigotte Chorão.

Eugénio Lisboa

[O Autor segue a antiga ortografia.]

Ramiro Teixeira

ILSE LOSA: VIDA E OBRA SOB CÉUS ESTRANHOS

Porto, Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto/Fundação Eng.º António de Almeida / 2013

O conceito de *híbrido*, que aliás está no centro da nossa condição contemporânea de seres que se percecionam como fragmentados, divididos entre mundos, em constante experiência de deslocação, é o que primeiro ocorre na sequência da leitura do livro de Ramiro Teixeira, *Ilse Losa: Vida e Obra sob Céus Estranhos*. Com efeito, híbrido é o livro de Ramiro Teixeira na sua composição, híbrida nele se revela ser Ilse Losa, vivendo em trânsito entre mundos desde a infância, híbrida a obra da escritora do ponto de vista genológico — autobiografia, romance, conto, literatura para a infância e juventude, crónica, ensaio, todos os géneros Ilse Losa visita.

O próprio autor admite: «comecei a escrever este texto numa indefinição livremente assumida, debatendo-me em atribuir-lhe o carácter misto de biografia, ensaio histórico-literário, reportagem e memorial» (19). O livro é tudo isso, de facto, ao longo das cerca de 600 páginas pelas quais se estende, num ritmo deambulatório sempre entrecortado pela voz de Ilse Losa.

Trata-se de um livro que reclama uma forte dimensão documental e uma igualmente forte dimensão ensaística, com o texto de Ilse Losa servindo de mote; dele partindo e a ele regressando a todo o momento e convocando como suporte para tais deambulações metodologias oriundas de diversas disciplinas para, nas palavras do autor, «inflectir para aspectos aparentemente marginais à crítica literária, sobretudo biográficos, históricos, económicos, antropológicos, sociais e políticos» (19).

A componente documental preenche cerca de metade da extensão do livro, incorporando elementos de natureza diversa:

1. Extensíssima «Bibliografia Comparativa de Ilse Losa (do Mundo para Ilse Losa ou Vice-versa)», de mais de 200 páginas, na qual se persegue, ao longo de uma detalhada cronologia situada entre o ano de 1913, em que a autora nasceu, e o 25 de Abril de 1974, os acontecimentos político-sociais, literários e artísticos ocorridos nesse período, no sentido de contextualizar a vida e a obra de Ilse Losa. Este documento, pela minúcia por vezes surpreendente da informação que compulsa, revela-se precioso não só para se estabelecer algumas das motivações sociogenéticas da obra mas também para se conhecer a realidade histórico-cultural portuguesa e mais especificamente portuense em contexto europeu, quando não global.

2. Compilação, sob a forma de imagem, de alguns dos manuscritos inéditos de natureza diversa, confiados por Ilse Losa a Ramiro Teixeira.

3. Utilíssimo quadro da distribuição dos contos de Ilse Losa pelos títulos que foi publicando de modo diverso, visto que a autora nunca reeditou livros de contos, pese embora ter reeditado contos soltos integrados em novas edições de obras inéditas, revendo-os e alterando-os nalguns casos, inclusive ao nível dos próprios títulos. Daí resulta que o leitor desavisado bem precisa de um fio de Ariadne estendido por Ramiro Teixeira para se orientar nesse labirinto.

4. Diversos outros elementos documentais de grande valia, como uma breve síntese biográfica de Ilse Losa, um índice remissivo, uma vasta iconografia constituída por dezenas de imagens de carácter histórico, biográfico ou bibliográfico que em muito enriquecem o volume. Pena foi que tão cuidadoso autor não se tivesse lembrado de incluir uma tábua bibliográfica da obra de Ilse Losa, passível de ser consultada agilmente pelo leitor, que ine-

vitavelmente se perde um pouco se quiser consultar a tal respeito a citada «Bibliografia Comparativa de Ilse Losa».

Vale referir, a propósito da dimensão documental desta obra, que este é um livro-objeto de um tipo que hoje já raramente se tem oportunidade de ver editado. A qualidade do design gráfico, da responsabilidade de Nuno Leal, faz dele um livro distinto desde a capa, que reproduz um excelente desenho de Henrique Coelho representando um rosto belíssimo de Ilse Losa rasgado entre dois espaços, que um doméstico alfinete tenta precariamente ligar; rosto algo hierático, como era o seu, onde porém os cabelos adquirem um movimento provocado, a meu ver, pelos ventos dos caminhos entrecruzados que Ilse Losa percorreu e que se confundem graficamente com as linhas da estrela de David que se sobrepõem ao rosto da escritora. O desenho interpreta vida e obra de Ilse Losa em consonância com a leitura proposta por Ramiro Teixeira que adiante detalharemos.

Pode-se dizer que a outra metade do livro é preenchida pela análise histórico-literária da obra de Ilse Losa, com especial incidência na obra *O Mundo em Que Vivi* e nos dois romances *Rio sem Ponte* e *Sob Céus Estranhos*, mas naturalmente sem que sejam descurados os contos e a vasta obra de literatura para a infância e juventude a que a autora se dedicou com assinalável sucesso.

Esta análise será sempre cantonada, explicada e confirmada quer pelas palavras testemunhais ou literárias da escritora, quer por dados da história coeva, especialmente portuguesa e alemã, mas também pela própria história do povo judeu e pelo pensamento crítico da época e não só. Este tipo de análise conduz necessariamente o autor a uma abordagem muito biografista e histórico-sociológica, que de resto é assumida e reclamada desde as pri-

meiras páginas do livro por Ramiro Teixeira, como referi.

Por vezes as fronteiras entre facto e ficção tornam-se até algo indistintas, o que aliás contribui para tornar a leitura de um livro tão extenso mais amena, vindo Ilse Losa em socorro de Ramiro Teixeira com interrogações como estas: «Onde acaba a verdade? E onde começa a poesia? E qual das duas é a minha vida?»

A análise levada a cabo pelo autor processa-se em torno dos seguintes vetores, identificados como caracterizadores da obra de Ilse Losa:

1. A acentuada motivação catártica da sua experiência estética, que Ramiro Teixeira apresenta nos seguintes termos: «o acto de escrita, para Ilse Losa, nunca deixou de constituir uma purga, motivo pelo qual se nos deparam continuados e persistentes testemunhos sobre a sua infância, a provação dos judeus, [...] o drama dos refugiados e, principalmente, a estranha sensação paradoxal de se pertencer a dois mundos» (211). O autor fará, aliás, articular a dimensão catártica da escrita de Ilse Losa com o que designa por «tom elegíaco» mas não «tempestuoso» da sua escrita, «espelho de água, sob o qual corre um rio subterrâneo que é o seu princípio fundamental» (214).

2. A escrita como experiência do exílio: exílio emocional e psicológico e exílio geográfico e cultural. «Quem uma vez foi condenado a fugir» — escreve Ilse Losa — «nunca será outra coisa senão um fugitivo, quer tenha de fugir de si próprio, que é o teu caso, ou da pátria, que é o meu. E tanto faz que vagueie de terra em terra como de ilusão em ilusão: o que dificilmente conseguirá é chegar» (171). Um conto seu tem a este respeito o elucidativo título «Regresso Constante / Eterno Retorno», que diz o círculo fechado da experiência do exílio.

3. A escrita como glosa de uma identidade esfacelada, que o desenho da capa

tão bem diz, e da impossibilidade de chegar à plena afirmação de uma nova identidade reconstruída — «o que dificilmente conseguirá é chegar», dizia Ilse Losa. Ramiro Teixeira aponta uma escolha da escritora que evidencia particularmente bem esta problemática, quando lembra que ela editará na Alemanha a sua obra, naturalmente em língua alemã, com o nome de Ilse Losa e não de Ilse Lieblich ou de Ilse Lieblich Losa.

4. A escrita como experiência de fronteira, de entre dois — dois espaços (Alemanha/Portugal), duas culturas (Norte-Centro da Europa/Sul da Europa), duas religiões (judaísmo/cristianismo), duas famílias (avós/pais), duas línguas (alemão/português) —, de entre dois mundos: o das origens, que se impõe abandonar e do qual se vê excluída, e o do exílio, que se impõe na diferença e no qual importa encontrar um lugar de inclusão e de afirmação.

5. A escrita como uma via de naturalização: a escrita na língua de exílio torna-se para Ilse Losa veículo determinante para encontrar esse lugar de afirmação, consubstanciando o que Ramiro Teixeira designa por «um feliz caso de naturalização linguística» (212) e para a transformar numa observadora a um tempo objetiva e criticamente emocionada da sociedade portuguesa e portuense da época, senhora de uma lente perscrutadora excecional. Ramiro Teixeira compara, por exemplo, como a Ribeira do Porto é «lida» em termos próximos pelo olhar de Josef Berger, uma sua personagem, e por Manoel de Oliveira, em *Douro, Faina Fluvial*.

6. A escrita como experiência por excelência de rememoração (Ramiro Teixeira faz notar como alguns títulos da autora, como *O Mundo em que Vivi* ou *Aqui Havia uma Casa* ou *Histórias quase Esquecidas*, dizem essa experiência) foi central em

Ilse Losa, a quem coube viver e testemunhar um tempo que, nas palavras do autor, «era simultaneamente para esquecer e para recordar...» (212). Ilse Losa passou de facto a vida escrevendo «para esquecer e para recordar».

Esta obra de Ramiro Teixeira, feita com uma devoção comovedora de investigação levada a cabo ao longo de décadas, estabelece-se como um trabalho angular doravante absolutamente imprescindível para quem queira estudar a obra de Ilse Losa.

Isabel Pires de Lima

VÁRIA

Ruy Cinatti

TIMOR-AMOR

Org. e prefácio de Vasco Rosa
Rio de Janeiro, Gryphus / 2013

os caminhos de Timor ressumam
de suor e sangue (194)

Há livros que são desabafos. Gritos. Que até rogam pragas a quem não lhes der ouvidos. E que tentam resgatar espaços, tempos e gentes. *Timor-Amor* é um deles. «'Que os feiticeiros mordentes vos devo-rem!'; se esta minha advertência não for levada ao seu destino!» (208), avisa Ruy Cinatti (1915-1986) no final do livro, referindo-se à necessidade de dar a Timor o direito à autodeterminação. Reunindo textos em prosa e em verso até agora dispersos, e primeira antologia de Ruy Cinatti publicada no Brasil, *Timor-Amor* dá conta da profunda fusão que desde logo, em 1946, sucedeu entre o poeta e o corpo de uma terra à qual sempre haveria de voltar: «Foi a paisagem / que me afundou. // A pouco / e pouco / os homens içaram-me. // Milagre? — Não! / Foi só amor.

/ Assim Timor, /os Timorenses» (134). *Timor-Amor* é portanto uma declaração de amor que só tem sentido num processo de abertura à cultura do Outro, baseado numa partilha de valores. Os textos, acompanhados por algumas fotografias e uma carta do espólio de Ruy Cinatti, dão a conhecer a história de Timor, a natureza deslumbrante, as peculiaridades do *habitat* timorense e dos seus costumes, desvendando ao longo do livro o roteiro poético duma experiência sensorial e humana.

As duas primeiras partes do livro, intituladas «A Ilha Verde e Vermelha» e «Caçador de Plantas», com textos em prosa originalmente publicados em revistas portuguesas nos anos 1940 e 1960, dão conta do «dever nacional» (36) de transmitir a cultura timorense que Ruy Cinatti sente ser o seu, enquanto cientista e investigador, botânico apaixonado e curioso, para além de ter sido secretário do primeiro governador de Timor. A divulgação do seu saber reveste várias formas: uma descrição cuidadosa que insiste sobre a extrema diversidade do território, visível por exemplo na variedade das casas e do amanho da terra (29-35); textos mais técnicos que procuram divulgar um vocabulário botânico indígena ou fazer uma classificação rigorosa das plantas (71-81 e 82-88); uma descrição extremamente pormenorizada de um ritual de pesca, que nos leva para uma dimensão mais etnológica e antropológica (56-68); ou ainda textos poéticos e autobiográficos, nos quais Ruy Cinatti dá conta da sua emoção, do seu entusiasmo de aventureiro e da sua experiência sensorial, nunca desligados da realidade timorense:

Vivo as paisagens ao sabor dos afectos da alma [...]. A paisagem é um estado de alma, ou de consciência [...]. Timor, segunda pátria minha! [...] Encontro-me em per-